

A FESTA DO PAU-DA-BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA(CE): Uma experiência religiosa popular

Autor: Océlio Teixeira de Souza

Instituição: Universidade Regional do Cariri – URCA

Este trabalho apresenta algumas discussões presentes na minha dissertação de mestrado, intitulada “A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio de Barbalha(CE): entre o controle e a autonomia(1928-1998)”. A festa teve início em 1928, quando o Padre José Correia de Lima, vigário de Barbalha, motivado pelo costume do hasteamento da bandeira nas festas juninas, nas renovações¹ e nas festas dos santos, resolveu instituir o carregamento do mastro no qual seria hasteada a bandeira do padroeiro Santo Antônio. Desde esse ano, o cortejo do pau-da-bandeira marca a abertura dos festejos de Santo Antônio.

Do ano da sua criação, até o presente momento, o cortejo do pau-da-bandeira passou por diversas mudanças. A mais importante foi a sua carnavalização, promovida pelas camadas populares da sociedade barbalhense.² Esse processo de carnavalização foi marcado, sobretudo, pela transformação do cortejo num momento festivo, com danças, bebidas, músicas e comidas, e pela erotização do mastro (por exemplo, a moça que pegar no pau tem grandes possibilidades de casar-se em breve).

Tendo como referências as suas práticas religiosas cotidianas e suas experiências de vida, os carregadores, aos poucos, construíram um espaço de afirmação social e religiosa dentro da festa oficial organizada pela Igreja local. Assim, a festa constituiu-se numa expressão religiosa das camadas populares dentro da festa de Santo Antônio. Nesse sentido, ela é profundamente marcada pelos valores da cultura dos carregadores do pau-da-bandeira. Ao mesmo tempo, ela mantém uma relação de tensão constante com a Igreja Católica local. São esses dois aspectos, a carnavalização e a relação com a Igreja, que vou abordar nesse trabalho.

São muitos os relatos de participantes e carregadores antigos que se referem aos elementos constituintes do processo de carnavalização da festa. Dona Maria de Moça, em sua narrativa, relembra com orgulho da festa nos anos 40, quando seu irmão, Vicente de Moça, era o chefe do pau da bandeira: “o pau da bandeira ele tirava na mata de Dr. Teles. Aí Vicente ia com aquele horror de gente, zabumba de todo canto. Onde tivesse zabumba ele ia buscar pra tocar na festa”.³

Augustinho José dos Santos, ex-capitão do pau-da-bandeira, também destaca, na sua fala, a marcante presença dos zabumbas⁴ durante o Cortejo:

“hoje tem dois, três zabumbas. Naquele tempo eram dez, doze zabumbas. Todos os zabumbas de Barbalha, da periferia de Barbalha, do município, os zabumbas da Esteira, da Lagoa, os do Caldas, da Arajara, do Pelo Sinal, do Venha Ver, do sítio Santana, os zabumbas vinham tudo e todos eles desfilavam lado a lado com o pau. Era um delírio de zoadas maior do mundo quando entrava aqui. Talvez fosse até maior do que hoje, porque era zabumba demais”.⁵

Fabriano Livônio Sampaio, prefeito de Barbalha, no período de 1973 a 1977, também refere-se à participação das bandas cabaçais na festa:

“As pessoas iam transportando o pau da bandeira, aqueles homens já muito sujos, muito suados e eram acompanhados pelos zabumbas. – Zabumba que nós chamamos aqui é banda cabaçal. Mas naquela época, naquela época existiam muito zabumbas aqui. Parece-me que se contava nas festas de Santo Antônio 40 zabumbas que tocavam durante todo o período da festa, que era do dia do pau da bandeira até a procissão no dia 13”.⁶

A presença das bandas cabaçais é relatada por vários outros entrevistados. Agora, vale salientar que essa participação não é exclusiva da festa do pau-da-bandeira de Barbalha. Irineu Pinheiro, tratando da “religiosidade do povo cariri”, no início do século XX, informa da participação dos zabumbas durante as procissões de São José nas estações de secas, quando a população, desenganada das autoridades terrenas, apelava para as forças divinas. A procissão ocorre com uma imagem roubada de alguma casa da comunidade, sendo devolvida depois do inverno e das boas colheitas: “*Levam-no, então, à casa de onde tiraram, num andor, em procissão, a cantar benditos, à frente do cortejo alguém a soltar foquetes, na cauda músicas de couro com seus pífaros e zabumbas, cujos rataplans quebram o silêncio das noites sertanejas*”.⁷

Por sua vez, o folclorista cratense J. de Figueiredo Filho refere-se ao cortejo do pau-da-bandeira em Santana do Cariri. Sem informar o ano ou pelo menos o período, J. de Figueiredo Filho rememora:

“Disse-me o vereador cratense José de Paula Bantim, cuja meninice foi passada em Santana do Cariri, que, outrora, durante o transporte do pau da bandeira, na festa da Padroeira local, os zabumbeiros e pifeiros trepavam-se na comprida haste, transportada da mata para a praça da Matriz, conduzida por uma grande multidão de devotos. Ali mesmo, bem aboletados e equilibrados, tocavam marchas e baião, ao espocar do foquetório”.⁸

Percebe-se, portanto que as festividades religiosas do Cariri eram marcadas pela presença dos zabumbeiros. A participação destes não pode servir, assim, como um elemento diferenciador da festa do pau-da-bandeira de Barbalha em relação às demais. O que vai diferenciar a festa de Barbalha é o caráter carnavalesco que ela vai adquirindo com a introdução de outros elementos, como a comida e a bebida.

Diogo Francelino, marchante, dono de um pequeno comércio de carnes no mercado da cidade, começou a carregar o pau nos anos 50. Filho de Maria de Moça, ele refere-se ao dia do cortejo como um momento de banquete:

“Eu digo: rapaz agora nós vamos fazer. Cada um aí, vamos ajeitar umas coisas pra nós levar que nós vamos mais cedo. Vamos levar uma carninha e tudo pra comer lá. Isso daí eu fazia. Chegava no mercado, tirava umas carnes, mandava torrar, fazer uma farofa. Aí me encontrava com o finado Melquíades. Eu dizia: seu Melquíades agora nós vamos. O senhor vai com sua cabacinha, nós vamos levar outra e o tira gosto já tá aqui”.⁹

Em relação à bebida, todos os carregadores antigos são unânimes em afirmarem o seu consumo. No entanto, eles enfatizam com muita precisão que, até os anos sessenta, o uso de bebidas alcoólicas eram bem menor que nos dias atuais. Juarez David, mestre de obras e dono de um pequeno açougue, começou a participar do Cortejo em meados dos anos quarenta, período em que Vicente de Moça era o encarregado da festa. Nesse sentido, relata Juarez David:

“Era o mínimo a participação da cachaça. Era o mínimo. O próprio Vicente de Moça, o encarregado, exigia que todos fossem conscientes e voltassem conscientes. Tinha o que comer que ele levava pra todos muita carne, muita, muita comida”.¹⁰

No entanto, após o hasteamento da bandeira, a farra começava pra valer, como relata João Lucas, carregador do pau desde a adolescência: “*Nós trazia com alegria. Deixava na igreja e ia pra festa e farrava a noite inteira*”¹¹

A partir dos anos setenta, porém, o consumo de bebidas alcoólicas aumentou consideravelmente. Esse fato gerou uma preocupação junto aos carregadores mais experientes, tendo em vista a ocorrência de acidentes provocados, segundo eles, pelo consumo excessivo de bebidas.

Cristóvão Francelino relata um desses acidentes, associando-o à bebida:

“Ali, ao lado do campo de futebol tinha um rapaz muito embriagado e eu pedindo a ele por tudo no mundo que saísse que era muito perigoso, por que ali na cabeça do pau sempre só participam aquelas pessoas que não estejam

bebendo. Quer dizer a pessoa bebe sem limite, sem nada, aí acha que carregar um pau da bandeira é como carregar uma vara no ombro. Aí eu sei que eu pedi com tanta insistência: “- rapaz saia, que não dá certo você ficar aí, por que é muito perigoso. Aí resultado, o pau quando caiu foi mesmo na cabeça do dedo dele. Também bateu, arrancou.”¹²

Agora, o que teria possibilitado o aumento do consumo de bebidas alcoólicas? Uma explicação para esse fato reside no processo de folclorização pelo qual a festa passou a partir de 1973. Esse processo consistiu na transformação da festa num evento cultural e folclórico com a finalidade de desenvolver as potencialidades turísticas do município. A partir desse ano, o poder público municipal, em comum acordo com a paróquia de Barbalha, resolveu “*dar uma dimensão folclórico-artístico-cultural*” à festa de Santo Antônio.¹³ O objetivo, conforme o prefeito da época, Fabriano Livônio Sampaio, era divulgar a festa e atrair turistas para o município. Assim, aos poucos, a festa foi sendo transformada num grande evento turístico, sem perder, no entanto seu caráter popular.

A partir desse trabalho da prefeitura a festa ganhou uma nova dimensão, como se pode perceber a partir do relato de Augustinho dos Santos: “*Hoje a multidão é fora do comum. Naquele tempo não existia turismo. Era mais a cidade só.*”¹⁴

A multidão, a que se refere Augustinho dos Santos, acompanha o cortejo num verdadeiro ritmo de carnaval, como define Celene Queiroz: “*Sempre a gente acompanhou festivamente. Sempre acompanhou o pau-da-bandeira no meio da rua, dançando e pulando carnaval*”.¹⁵

Como se percebe, o cortejo do pau-da-bandeira de Santo Antônio, que nasceu sob a orientação da hierarquia eclesiástica, foi, ao longo do tempo, sendo transformado numa festa popular. Ou seja, numa festa marcada pela concepção de mundo e de religiosidade dos grupos populares, por suas condições materiais e pelas suas experiências religiosas cotidianas, como o hasteamento da bandeira nas festas juninas e nas renovações, num processo contínuo de relações sociais e culturais com os grupos dominantes. O cortejo foi, portanto, carnavalizado pela cultura popular.

E como se tem posicionado a Igreja Católica local em relação à festa? Passo aqui a discutir o segundo aspecto do presente texto: a relação da Igreja com a festa.

Até o início dos anos setenta, a Igreja de Barbalha silenciou sobre o cortejo do pau-da-bandeira. O padre José Correia Lima que administrou a Paróquia de 1928 a 1945 não deixou nada escrito sobre o mesmo nos seus registros presentes nos Livros de Tombo da Paróquia. Vale observar, que apesar de ter sido criada em 1838, a Paróquia de Barbalha, até 1999, possuía apenas dois livros de tomo. O primeiro registra os fatos paroquiais referentes ao período de 1934 a abril de 1959. No segundo livro estão registrados os acontecimentos ocorridos de maio de 1959 até 1999.¹⁶

No primeiro Livro de Tombo não há nenhum registro sobre o cortejo do pau-da-bandeira. Existe apenas uma referência ao hasteamento da bandeira do padroeiro, feita pelo padre Erfo Roters, em 1952: “*Logo depois da coroação [da Virgem Maria] foi hasteada a bandeira da festa de Santo Antônio*”.¹⁷

Como se vê, o Padre Erfo refere-se especificamente ao hasteamento da bandeira de Santo Antônio, não fazendo nenhuma menção ao cortejo do mastro no qual a bandeira foi hasteada. Esse silêncio, porém, não está presente apenas nos Livros de Tombo da Paróquia. Ele se faz sentir também no jornal **A Ação**, da Ação Católica da Diocese do Crato. Nos números disponíveis na Cúria Diocesana, entre os anos de 1942 e 1974, não há nenhuma referência ao pau da bandeira, embora a Festa de Santo Antônio de Barbalha seja noticiada.

Entretanto, há nos Livros de Tombo, desde 1947, registros sobre a festa de Santo Antônio. Além da festa do padroeiro, os livros registram muitos outros acontecimentos religiosos vividos pela Paróquia. Esses registros

demonstram que a Paróquia de Barbalha estava sintonizada com a política romanizadora imposta por Roma à Igreja Católica brasileira.¹⁸

Há, por exemplo, nos diversos registros uma enorme preocupação no sentido de que os eventos religiosos fossem vivenciados com piedade, fervor e entusiasmo. Quando isso não ocorre, o pároco reclama da comunidade de fiéis, como o fez o Padre Otávio de Sá Gurgel, em 1948, por ocasião dos festejos do mês do rosário:

*“Os exercícios piedosos do santo Rosário estão sendo realizados na Igreja votiva de Nossa Senhora do Rosário. Instalou-se lá a “Irradiadora Paroquial”, afim de mais solenizar o terço, que se vem rezando, todas as noites, diante do Santíssimo Exposto. A freqüência é boa. Todavia, ainda não se tem conseguido maior silêncio e respeito aos arredores da Igreja. Talvez, devido à colocação e pouca iluminação externa, crianças e pessoas sem escrúpulo brincam, durante o ato sagrado. O vigário apelou para os pais e p_a. a polícia”.*¹⁹

O silêncio da hierarquia eclesiástica de Barbalha e mesmo da Diocese é bastante significativo e suscita algumas suposições. Primeiro, vale salientar que o Livro de Tombo “guarda” a história oficial da Paróquia. Nesse sentido, registrar uma festa caracterizada pela música, bebida, danças e comilanças, portanto uma festa carnalizada, poderia manchar de paganismos e profanações essa história. Segundo, o registro poderia ainda comprometer os párocos e demais sacerdotes da Paróquia, tendo em vista que o Livro de Tombo é objeto de observação dos bispos por ocasião das visitas pastorais. Terceiro, não se deve esquecer a força do processo de romanização que se fez presente até os anos sessenta.

Merece uma análise mais detalhada o paróquiato do padre Eusébio de Oliveira Lima, que esteve à frente da paróquia de 1962 a 1984. Nesse período, o Padre Eusébio teve duas atitudes em relação ao pau-da-bandeira. A primeira é a atitude do silêncio. Durante cerca de 10 anos ele referiu-se ao cortejo do pau-da-bandeira uma única vez, em 1964, quando registrou: *“Nesse dia [31 de maio] fez-se também às 16h o tradicional levantamento do pau da bandeira: início da festa do Padroeiro.”*²⁰

Nesse período, 1962-1971, o Padre Eusébio privilegiou nos seus registros sobre a festa, a realização das novenas, das missas e do cortejo processional de encerramento. No entanto, como se percebe, quando em 1964, o Padre Eusébio registra o levantamento do pau da bandeira, ele refere-se ao evento como “tradicional”, ou seja, antigo, de longa data. Portanto, ele tinha pleno conhecimento da história da festa do pau-da-bandeira.

Os registros do Padre Eusébio são bastante amplos e detalhistas. No entanto, nos dez primeiros anos do seu paróquiato, em vários momentos, ele salienta que não aconteceu nada que fosse digno de registro:

“Nada de importante sucedeu digno de menção durante os dias deste mês”;
“Nada a registrar durante esse mês”;
“Nenhum fato digno de nota”;
“Sem acontecimentos dignos de registro na vida paroquial”;
*“Nenhum fato digno de menção especial na paróquia”.*²¹

Será que para o padre Eusébio o cortejo do pau-da-bandeira era um acontecimento não digno de registro? Ou, de outra forma, será que o seu registro mancharia a história da Igreja Católica de Barbalha?

A segunda atitude do padre Eusébio é marcada pela quebra do silêncio sobre o cortejo do pau-da-bandeira, a partir de 1972, o que significa a quebra do silêncio da Igreja em relação à festa do pau-da-bandeira. A partir desse ano, a festa passa a ocupar um espaço cada vez maior no segundo Livro de Tombo da paróquia. Já nesse ano, o padre Eusébio escreve referindo-se à festa de Santo Antônio: *“Solene hasteamento da bandeira com música, zabumba, fogos.”*²²

Em 1973, primeiro ano da participação do poder público na organização da festa do padroeiro, padre Eusébio voltou a registrar o hasteamento da bandeira, agora referindo-se ao mastro: “*Dia 03: levantamento do Pau da Bandeira: início oficial da festa do padroeiro.*”²³

No entanto, o primeiro registro sobre o cortejo do pau-da-bandeira ocorre somente, em 1975:

*“Dia 1º. – domingo. Teve início a festa de Santo Antônio com o hasteamento de sua bandeira em um grande mastro trazido pelo povo do sítio São Joaquim propriedade do Dr. João Filgueiras Teles, médico nesta comunidade e de grande espírito humanitário.”*²⁴

Em 1976, pela primeira vez, o Cortejo foi registrado como “*Festa do Pau da Bandeira*”.²⁵

É interessante observar que a partir desses anos os registros do Padre Eusébio são mais detalhados, fornecendo informações sobre o local de onde o pau é retirado, a participação dos zabumbas e da população de Barbalha e das cidades circunvizinhas. Registros bem diferentes daqueles dois da década de 60, quando ele se limitou simplesmente a registrar o levantamento do pau da bandeira.

Mas o que explicaria essa mudança de atitude do Padre Eusébio? Essa nova postura da Igreja de Barbalha está relacionada a dois fatores. O primeiro, é a nova conjuntura da festa de Santo Antônio, modificada, como já foi visto, pela participação do poder público. O segundo refere-se às mudanças pelas quais a Igreja Católica do Brasil e do mundo passaram a partir do pontificado do Papa João XXIII, no qual foram iniciados os trabalhos do Concílio Vaticano II (1962 a 1965).²⁶

Nos anos oitenta, o padre Eusébio parece estar imbuído do espírito da festa e da religiosidade popular. Em 1981, ele escreve:

*“31/maio: Coroação de N. Senhora. Hoje também, é o DIA DO PAU DA BANDEIRA, o que significa dizer início oficial da festa de Santo Antônio. O levantamento se dá as 17 horas na Praça da Matriz com enorme acompanhamento do povo. Belíssimo gesto de fé e de amor ao Santo Padroeiro que se repete todos os anos com redobrado entusiasmo.”*²⁷

Mesmo com essa abertura, a relação da Igreja de Barbalha com a festa continuou sendo tensa e ambígua. Destaco aqui três elementos que caracterizam essa difícil relação, nos anos recentes. O primeiro refere-se às concepções de santo do catolicismo popular e do catolicismo oficial. Para os carregadores do pau, Santo Antônio é o grande protetor da festa do pau-da-bandeira. Ele é poderoso, é o advogado dos seus devotos junto a Deus. Ele opera milagres, cura doenças, enfim protege e cuida dos seus filhos. Embora a Igreja não ignore essa concepção de santo, ela prefere privilegiar a concepção que enfatiza o santo como modelo de vida a ser seguido e imitado. Nas pregações e no material de divulgação da programação da festa há uma preocupação constante de exaltar Santo Antônio como grande modelo para os cristãos. Nesse sentido, o santo é apresentado como o “servo de Deus”, “sinal do Pai”, “devoto cantor de Maria”, “homem de oração”, “ministro da reconciliação” e “convertedor dos pecadores”.

O segundo elemento diz respeito à preocupação da Igreja com os “excessos” que são cometidos durante a festa. Napoleão Tavares Neves, médico e pesquisador da história do Cariri, membro do Conselho Paroquial no período de 1986 a 1996, no seu relato salienta de forma enfática essa preocupação:

“Inclusive, o cortejo propriamente dito do pau da bandeira do Sítio São Joaquim para Barbalha sempre foi supervisionado também pelo pároco, que ia de jipe até o São Joaquim, acompanhava, aconselhando, orientando, conversando com o capitão do pau da bandeira para que não houvesse excessos, mandando freiar um pouco o álcool, para que as coisas acontecessem dentro da normalidade. E esse acompanhamento do pároco acontecia inclusive na entrada de Barbalha, sempre orientando o cortejo,

sempre conversando com quem monitorava o conselho[cortejo] até o levantamento do pau da bandeira, lá na frente da igreja. Os párocos sempre foram poderes moderadores daquela turba, até certo ponto desregrada, que carrega o cortejo, que carrega o pau da bandeira em si.”²⁸

O terceiro e último elemento que destaco é que, quando o cortejo chega à Praça da Matriz, a igreja encontra-se fechada. Porém, a bandeira de Santo Antônio, sob a responsabilidade de um representante da Igreja, encontra-se na Praça. Procura-se estabelecer, assim, a dicotomia sagrado/profano. A igreja é o espaço do religioso, do sagrado, não podendo ser invadido pela festa “profana” que está ocorrendo lá fora, na Praça.

Notas:

-
- ¹ As *renovações* foram introduzidas no Cariri pelo Padre Cícero Romão Batista, em 1888. Nesse ano o Padre Cícero criou o Apostolado da Oração e orienta as “famílias a entronizarem nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus e anualmente renovarem o acontecimento, juntamente com todas as pessoas da comunidade. Cada família a partir de então passa a calendarizar mais um dia de rememoração, de lembrança e de invocação ao santo da Igreja e aos santos de sua devoção”. Cf. FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (com)sagração da vida: formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe*. Recife: UFPE, 1998, p. 122-123. Dissertação (Mestrado em Antropologia).
 - ² Uso o termo carnavalização segundo a acepção de Bakhtin. Para este autor, o carnaval na Idade Média e no Renascimento constituía-se na “segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva”. Ou seja, o carnaval representava, mesmo que temporariamente, a criação de um segundo mundo, baseado na inversão brincalhona dos valores e hierarquias estabelecidos e na exaltação da abundância, da fertilidade, do baixo corporal, etc. Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 2 ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Unb, 1993.
 - ³ Entrevista concedida em 08/11/99, aos 83 anos de idade.
 - ⁴ Banda Cabaçal, Zabumba, Banda de Couro ou Banda de Pífanos “é um conjunto instrumental de percussão e sopro constituído por um zabumba, bombo ou tambor de couro, uma caixa, também de couro, e dois pifes de taboca, soprados vertical ou horizontalmente. Em Algumas regiões, como em Crato e em Juazeiro do Norte, um quinto instrumento foi acrescido: um conjunto de pratos ou um triângulo”. Sua origem remonta ao período colonial e resulta da influência das culturas do colonizador, indígena e africana. Cf. SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha(CE): entre o controle e a autonomia(1928-1998)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Dissertação. (Mestrado em História).
 - ⁵ Entrevista concedida em 23/03/99, aos 58 anos de idade.
 - ⁶ Entrevista concedida em 18/03/99, aos 65 anos de idade.
 - ⁷ PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: S. ed., 1950, p. 96. (Grifos do autor).
 - ⁸ FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962, pp. 78 - 87.
 - ⁹ Entrevista concedida em 20/12/99, ao 61 anos de idade.
 - ¹⁰ Entrevista concedida em 02/11/99, aos 65 anos de idade.
 - ¹¹ Entrevista concedida em 07/11/99, aos 62 anos de idade.
 - ¹² Entrevista concedida em 20/12/99, aos 43 anos de idade.
 - ¹³ NEVES, Napoleão Tavares. **Pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. 1997a. (Texto mímeo).
 - ¹⁴ Entrevista já citada.
 - ¹⁵ Entrevista já citada.
 - ¹⁶ Em 2000, foi aberto o terceiro livro.
 - ¹⁷ Livro de Tombo n. 1, folha 73.
 - ¹⁸ Sobre o processo de romanização da Igreja Católica brasileira ver: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis(RJ): Vozes, 1985. **CONSTITUIÇÕES ECLESIASTICAS DO BRASIL. Pastoral Coletiva de 1915**. Canoas (RS): Tipografia Sales, 1950.
 - ¹⁹ Livro de Tombo n. 1, folha 46
 - ²⁰ Livro de Tombo n. 2, folha 32.
 - ²¹ Livro de Tombo n. 2, folhas 34, 37, 38 e 41.
 - ²² Livro de Tombo n. 2, folha 58.
 - ²³ Livro de Tombo n. 2, folha 65.
 - ²⁴ Livro de Tombo n. 2, folha 70.
 - ²⁵ Livro de Tombo n. 2, folha 73.
 - ²⁶ Sobre as repercussões do Concílio Vaticano II na Igreja Católica brasileira ver: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. 2 ed. Petrópolis(RJ): Vozes, 1996.
 - ²⁷ Livro de Tombo n. 2, folha 88.
 - ²⁸ Entrevista concedida em 24/03/99, aos 65 anos de idade.